

14,25

VINGANÇA

(Original em 3 Atos de Érico Cramer)

Roberto

"Solau"

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

CONTRA REGRA - BREVE RUÍDO DE LUTA EM QUE SÃO DERRUBADAS DUAS CADEIRAS E ALGUNS OBJETOS QUE SE PARTEM.

AÇUCENA - (Muito aflita, gritando) Cuidado, meu filho! Cuidado! Esse revólver pode... disparar e ferir você ou...

ESTÚDIO - Um tiro forte (De revólver)

AÇUCENA - (Ao ouvir o tiro, corta o que estava dizendo com um grito de pavor)

Rosabela - (Ao ouvir o tiro dá um gemido forte e mais dois ou três fracos)•

CONTRA REGRA - DEPOIS DO TERCEIRO GEMIDO DE ROSABELA, BAQUE DE CORPO, SEGUIDO DE OBJETOS QUE CAEM JUNTO E SE PARTEM NO CHÃO

ESTÚDIO - PAUSA LONGA, SILENCIO ABSOLUTO E PESADO.

Açucena - (depois de pausa, quebrando o silencio, profunda angústia) Meu filho!... Meu filho!... Que horror!... (chorando) Que desgraça, meu Deus!... (Desata em pranto aberto)

CONTROLE - MUSICA DE TRAGÉDIA PARA COBRIR A CENA E FAZER CORTINA.

Delegado - Seu nome?

Ana - Ana Cavalheiro.

Delegado - Idade?

Ana - Trinta e seis anos, senhor delegado.

Delegado - Está há muito tempo ao serviço da casa?

Ana - Vinte e dois anos.

Delegado - E ocupou sempre o cargo de governante da senhora Rosabela Alforraz de Sampaio?

Ana - Não senhor. Ao princípio vim para esta casa com a tarefa de cuidar do Senhor Leonel Alforraz de Sampaio que estava paralisado. Ao fim de cinco anos, quando ele faleceu, dona Rosabela, em atenção aos bons serviços que eu lhe havia prestado, entregou-me o governo da casa. Faz, portanto, 17 anos que ocupo o lugar de governante.

Delegado - Muito bem. Conhece o senhor Paulo Antonio desde quando?

Ana - Ha quinze anos, mais ou menos. Lembro-me perfeitamente quando uma noite a senhora Rosabela me chamou... (afastando) e me disse...

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA.

Rosabela - Ana Cavalheiro: faz já algum tempo que você desempenha em minha casa função de confiança e responsabilidade. Primeiro foi enfermeira de meu defunto marido e logo a seguir tornou-se minha governante. A sua dedicação ao trabalho e o perfeito cumprimento dos seus deveres fizeram-me considerá-la uma pessoa digna e merecedora da minha confiança.

Ana - Obrigada, senhora.

Rosabela - (autoritária) Ouça-me em silencio, Ana. (Pausa e tom) Dentro de uma semana, deverá chegar a esta casa o meu neto Paulo Antonio que passará, d'óravante, a residir na minha companhia. Estou velha e cansada para encarregar-me da educação desse menino, mas também não seria justo que deixasse ao abandono o filho único do meu único filho. Ana Cavalheiro: em resumo o que desejo dizer-lhe é o seguinte: a partir do momento em que o meu neto entrar nesta casa, você passará a ter mais uma função: reparar suas roupas, cuidar-lhe os alimentos, os estudos, e corrigir-lhe as maneiras. Emfim, você será, por assim dizer, a sua preceptora.

Ana - Perfeitamente, senhora.

Rosabela - E por enquanto é só. Oportunamente voltaremos a falar no assunto. Pode retirar-se.

CONTRA-REGRA: PASSOS QUE SE AFASTAM

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM MUSICA ANGUSTIOSA QUE PERMANECE EM B/G.

Ana * - Confesso-lhe, senhor delegado, que de início fiquei profundamente desagrada das minhas novas atribuições. Só não as recusei porque dona Rosabela era daquela espécie de criaturas que não admitem recusas às suas vontades. Muito rica e bastante voluntariosa, acostumou-se a resolver todas as ~~as~~ dificuldades a poder de dinheiro, irritando-se seriamente sempre que essas vontades não eram logo satisfeitas. Se recusasse, seria dispensada das minhas funções e obrigada a aceitar qualquer outro emprego ainda menos compatível com a dignidade do meu nascimento. ⁺ E assim... aceitei logo a função de condutora do menino Paulo Antônio.

Delegado - Que idade tinha ele nessa época?

Ana - Oito anos precisamente. (Pausa e tom) E foi assim que cinco ou seis dias depois dessa conversa, uma tarde... quase ao pôr do sol... fui chamada à presença (afastando-se) de dona Rosabela Alforraz de Sampaio.

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA.

Rosabela - Ana Cavalheiro: este é o meu neto de quem já lhe falei.

Paulo - (menino) Paulo Antonio Simão de Sampaio.

Ana - Seja bemvindo a esta casa, menino Paulo Antonio. Ana Cavalheiro, para o servir.

Rosabela - Esta senhora cuidará de você. Terá que respeitá-la e obedecê-la.

Paulo - Serei respeitador e obediente, Vóvó.

Rosabela - Estimarei muito que assim seja. (Tom) Lamento não poder continuar ao seu lado; estou na hora de rezar o meu rosário. Vá com Ana. Ela lhe indicará o seu quarto e cuidará do seu jantar.

Paulo - Sim, Vóvó.

Rosabela - Depois do jantar poderá ir ao meu gabinete para receber a minha benção

Paulo - Sim, vóvó.

CONTROLE - RÁPIDA SEPARAÇÃO

Ana - Este é o seu quarto. Você deverá estar pronto para o jantar dentro de quarenta minutos, precisamente.

Paulo - Eu não quero jantar dona Ana. Comi frutas no trem e não tenho apetite.

Ana - Mas terá que sentar-se à mesa de qualquer maneira, por isso... esteja pronto dentro de meia hora. (tom) Ah, é verdade... antes que me esqueça... depois das vinte horas a luz do seu quarto não poderá estar acesa.

Paulo - Das vinte horas? Então às oito? Quer dizer que a essa hora...

Ana - (cortando) Já deverá estar deitado.

Paulo - É muito cedo. Lá em casa eu nunca me deitava antes das nove.

Ana - Mas aqui não. É mais justo que você se adapte aos nossos hábitos do que eles serem alterados por sua causa, não lhe parece? (Pausa) Bem, vá uma vez se arrumar para o jantar que é pra não chegar à mesa atrasado.

CONTROLE - RÁPIDA SEPARAÇÃO.

Delegado - Quer dizer que foi a senhora quem o educou desde os oito anos?

Ana - Não senhor. Isto é... até aos quatorze anos. Depois dessa idade foi impossível continuar. Sua convivência com os colegas de estudo modificou-o de tal forma que eu não tive outro remédio senão abandonar as minhas funções.

Delegado - Perfeitamente. (tom) E as relações da senhora Rosabela com o seu neto, a partir de então, que caráter tomaram?

Ana - Raramente viviam em boa harmonia. As rixas eram constantes e o motivo sempre um só: dinheiro. Ele exigia muito e embora ela acabasse sempre cedendo, muitas vezes se exasperou ao ponto de gritar com ele.

Delegado - E ultimamente a situação permanecia nesse mesmo pé?

Ana - Sim. Ainda umas duas ou três noites antes do trágico desfecho, acordei sobresaltada com uma violenta discussão dos dois. Gritavam tanto que eu estive a ponto de me levantar para apaziguar os ânimos, mas depois achei melhor e mais acertado guardar a minha reserva.

Delegado - E na noite da tragédia ouviu também discussão?

Ana - Não senhor. Acordei-me com o tiro. Puz o chambre imediatamente e dei. Lá deparei com o mesmo quadro que o senhor pode ver momentos depois. Dona Rosabela estendida no chão e Paulo Antonio e sua mãe, abraçados, contemplando o cadáver sem dizer palavra. Sobre o tapete estava o revolver. (Voz de choro) Talvez eu não devesse acusá-lo, mas calar seria tornar-me cúmplice de um crime que me repugna. (Chorando) Seria pagar com a ingratidão todos os benefícios que ela me prestou. E ela foi sempre muito boa para mim... e para todos. Dentro daquela sua maneira exquísita de ser, às vezes áspera, ela escondia um coração de ouro! (Chora)

Delegado - Está encerrado o seu depoimento. Pode retirar-se.

CONTROLE - RÁPIDA SEPARAÇÃO.

Delegado - Nega ou confirma as declarações das testemunhas anteriores quando disseram que o senhor vivia sempre em desharmonia com sua Avó?

Paulo - (HOMEM) Nego. É verdade que discutíamos às vezes, mas eu rebatia sempre os seus pontos de vista, dentro dos limites do respeito que lhe devia.

Delegado - Nega ou confirma que exigia dela, repetidamente, elevadas quantias?

Paulo - Nego. Nunca exigi dinheiro de minha avó. Entre pedir e exigir há uma diferença enorme. Pedia-lhe, sim. Repetidamente, se quizerem, mas quanto a exigir (Sirme) é mentira.

Delegado - Muito bem, mas... e a esses pedidos sua avó atendia sem relutância?

Paulo - Não. Sempre achava que eu pedia muito, pela sua mania de economia.

Delegado - E ao receber a recusa o senhor se conformava com ela?

Paulo - Também não. Mas mesmo assim nunca elevei a minha voz para conseguir convencê-la. Usava de argumentos e não de gritos.

Delegado - Insiste em afirmar que não foi "dinheiro" a causa da questão que culminou com a morte de sua avó?

Paulo - Insisto. A questão foi puramente de origem sentimental, como já declarei anteriormente. Minha avó, infelizmente, foi vítima da sua obstinação e do seu gênio violento. Não admitia ser contrariada e procurava fazer valer a sua vontade "de qualquer maneira."

Delegado - Nega ou confirma ter procurado impedir, aos serviçais da casa, a entrada no recinto da tragédia?

Paulo - Confirmo.

Delegado - E com que intenção? Pode esclarecer à polícia?

Paulo - Não foi porque tivesse receio do testemunho de qualquer um deles. Foi, apenas, para seguir um velho hábito da casa de não permitir aos serviçais tomar parte ativa nos assuntos íntimos da família.

Delegado - Nega ou confirma que sua mãe - ao consumir-se a tragédia - teria proferido as seguintes palavras: "Meu filho, meu filho! Que fizeste?"

Paulo - Não posso negar nem confirmar. Ao ouvir o disparo do revólver e vendo o corpo de minha avó cair inerte sobre o tapete, nada mais pude ouvir nem atender. Fiquei aturdido e desorientado. E só despertei daquele estado quando Solano chegou à porta do gabinete e me falou. Lembro-me que lhe dei ordem para que se recolhesse ao seu quarto e lá permanecesse, mas ele, antes de cumprir essa ordem, telefonou rapidamente à polícia que, alguns momentos depois veio me surpreender ainda quasi que no mesmo estado de estupefação.

Delegado - Perfeitamente. Por hoje o seu interrogatório está terminado, senhor Paulo Antonio. Pode retirar-se.

CONTROLE - SEPARAÇÃO RÁPIDA.

Delegado - Os depoimentos das testemunhas anteriores acusam fortemente o seu filho de ter atirado contra a sua sogra.

Açucena - (nervosa, chorando) Não é verdade, senhor delegado. É mentira. (gritando) Mentira, sim. Tres vezes mentira!... (chora)

Delegado - (chateado mas calmo) Procure acalmar-se e responder com moderação as minhas perguntas. Os excessos são sempre prejudiciais.

Açucena - Mas como posso estar calma se querem fazer de meu filho um assassino? Se afirmam que ele atirou em minha sogra e se isso é mentira?

Delegado - As perguntas que lhe faço são todas baseadas nas declarações das testemunhas anteriores. Elas foram tomadas em consideração da mesma forma que serão as suas. Eu estou apenas cumprindo o meu dever. Procurando ouvir as declarações de cada um, para depois confrontá-las e esclarecer a situação.

Açucena - As testemunhas mentiram. Só eu estava no Gabinete com meu filho e minha sogra. Só eu, mais ninguém. Como poderiam, os outros, testemunhar um fato que não presenciaram?

- Delegado - Eles afirmam que o calor da discussão os acordou e que movidos pela natural curiosidade foram espiar à porta.
- Açucena - Pois bem, mas mesmo assim eu insisto em repetir bem alto que eles mentiram. Mentiram, sim, porque meu filho não matou minha sogra propositalmente. Se isso fôsse verdade, ele seria, como todos que matam de propó^usito, um assassino frio e vulgar e nesse caso, nem mesmo como mãe eu se^uria capaz de defendê-lo. O revólver que encontraram sobre o tapete estava na mão da minha sogra. Ela o empunhava - estou bem certa - apenas com o propósito de nos amedrontar porque também ela não teria cora^gem de fazer uso dele e principalmente contra nós. Quando meu filho procu^urou desarmá-la foi que o revólver disparou. Esta é a verdade. Juro-lhe, senhor delegado. (chorando) Pelo que ha de mais santo neste mundo... por Jesus crucufucado... não o condene, senhor delegado. Não lhe faça essa injustiça tão grande porque o céu, um dia, poderá castigá-lo.
- Delegado - Minha senhora, eu não irei condená-lo nem absolvê-lo. Estou apenas reunindo elementos que servirão para uma ou outra coisa. Há um Tribunal que o julgará. Aguardemos com calma o seu pronunciamento.

CONTROLE - RÁPIDA SEPARAÇÃO.

Delegado - Seu nome?

Solano - Solano ^{Silvino da} ~~da Silva~~ Conceição.

Delegado - Idade?

Solano - Cincoenta e três anos, senhor delegado.

Delegado - Solteiro ou casado?

Solano - Solteiro, sim senhor.

Delegado - Natural de...?

Solano - Desta cidade, sim senhor.

Delegado - Ha quanto tempo estava a serviço de dona Rosabela Alforraz de Sampaio?

Solano - Ha trinta anos, senhor delegado.

Delegado - Ouviu o senhor, na noite da tragédia, alguma discussão entre o senhor Paulo Antonio e sua Avó?

Solano - Ouvi, sim senhor. E não só ouvi, como também vi tudo, desde o início.

Delegado - Será capaz de reproduzir o fato sem omitir nenhum detalhe?

Solano - Sou, senhor delegado. Tenho tudo perfeitamente bem vivo na memória.

Delegado - Pale, então.

Solano - Era dez horas da noite e eu apagara as últimas luzes da casa para ir dormir. Ao passar pelo corredor, ouvi uma forte discussão no gabinete.

Fui depressa à sala de visitas, passei para a biblioteca e me coloquei atrás do reposteiro que separava a biblioteca do gabinete. Dali pude ouvir e observar tudo perfeitamente. A princípio o senhor Paulo Antonio não estava presente. Dona Rosabela e sua nora, dona Açucena, (afastando) discutiram já em tom bastante acalorado.

CONTROLE - RÁPIDA SEPARAÇÃO

Rosabela - Você não tem nenhum direito de pretender roubar-me Paulo Antonio. Ele me pertence, está ouvindo? Ele me pertence!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA INÍCIO DO 2º ATO.

Rosabela - Você não tem nenhum direito de pretender roubar-me Paulo Antonio. Ele me pertence, está ouvindo? Ele me pertence! \oplus

Açucena - Um filho, enquanto é solteiro, pertence unicamente aos pais. Eu sou a Mãe de Paulo Antonio. \times

Rosabela - Não invoque o direito de mãe porque você o perdeu, inteiramente, desde o instante em que o abandonou.

Açucena - Dona Rosabela, eu não abandonei o meu filho. Apenas me separei dele para deixá-lo em sua companhia, pela razão de ser muito insalubre e pouco recomendável a uma criança fraca, o lugar onde iam residir.

Rosabela - Mentira! Tudo desculpas. O motivo verdadeiro foi outro, completamente outro; seu segundo marido detestava crianças e impoz, como condição para o casamento, que você se afastasse definitivamente do menino. Se tem coragem de desmentir o que estou dizendo, faça-o olhando de frente para mim.

Açucena - Sim... em verdade Basileu aborrecia as crianças, mas... daí a dizer-se que ele tivesse imposto, como condição essencial do casamento, o afastamento de meu filho, a diferença é muito grande. Se o médico tivesse permitido que Paulo Antonio nos acompanhasse, eu nunca me teria separado de meu filho. Ou convenceria Basileu de aceitar-me com ele ou então continuaria viuva.

Rosabela - Era preciso que eu não conhecesse você bem de perto para poder acreditar nisto. Você não teria recusado esse casamento por preço algum. E a prova está de que, por ele, abandonou seu filho.

Açucena - (irritada) Por que insiste a senhora em repetir constantemente essa palavra "abandonou?" Eu me separei de meu filho mas não o abandonei.

Rosabela - Insisto em repetir a palavra, porque ela é a única que exprime fielmente a verdade. E a prova está que nestes quinze anos do seu segundo matrimônio, você nunca se lembrou de visitá-lo e nem de pedir - uma vez ao menos - que ele fôsse passar alguns dias em sua companhia. Somente agora, depois que enviuvou novamente e que se achou completamente só, foi que a companhia dele lhe pareceu necessária e até mesmo indispensável?

Açucena - É claro. Basileu deixou bens que serão de Paulo Antonio, por minha morte. Quem, melhor do que ele, estará indicado para administrar esses bens?

Rosabela - Paulo Antonio não necessita dos bens deixados por seu padrasto. A fortuna que lhe ficará por minha morte é suficiente para que ele viva o resto de sua vida sem se preocupar com as dificuldades financeiras que possam surgir no seu caminho.

Açucena - Vejo que é inútil continuarmos discutindo, dona Rosabela, porque não chegaremos a um acôrdo. E afinal é realmente uma tolice nossa porque Paulo Antonio já não é mais uma criança e quem seja necessário dizer-se: faz isto ou aquilo. Ele é um homem feito e poderá decidir por si mesmo. Aguardemos o momento de falar-lhe e ele então resolverá o que melhor lhe parecer.

Rosabela - Eu não consentirei que ele me abandone e nem creio que ele tenha coragem de fazer isto depois de todos os meus sacrifícios, de todas as minhas contrariedades e das preocupações todas que ele sempre me causou. Você mesma, pelos quinze anos de paz e tranquilidade que eu lhe proporcionei cuidando-lhe o menino, deveria mostrar-se um pouco mais agradecida.

Açucena - Mas eu creio que em todas as minhas cartas sempre lhe externei a minha gratidão, minha sogra.

Rosabela - Mas as palavras nada querem dizer, minha cara nora quando o nosso procedimento as desmente ou contradiz. Fôsse você realmente grata e nunca pensaria em levar Paulo Antonio para longe de mim, antes que eu tivesse fechado os meus olhos para sempre.

Açucena - Acha, então, que pela gratidão que lhe devo, eu seja obrigada a viver completamente só o resto de minha vida? Não acha um tanto exagerado o preço que pretende cobrar ~~para~~ como juros da minha dívida?

Rosabela - Ha outras soluções para resolver a contento o seu caso, sem necessidade de me roubar o único afeto que ainda me prende ao mundo.

Açucena - Pois se crê que possa existir outra solução eu lhe peço que a aponte.

Rosabela - Você ainda está moça e conserva bem os traços todos da sua beleza.

Por que não se casa mais uma vez?

Açucena - Seria exigir muito da vida. Já por duas vezes fui tão feliz! Um terceiro casamento poderia desmanchar a lembrança boa da minha felicidade anterior e marcar, com a cicatriz inapagável da desilusão, o outono da minha existência. Não, dona Rosabela, não. Recuso totalmente a solução que me apresenta.

Rosabela - Pois bem, eu lhe sugiro outra: venha morar conosco.

Açucena - Mas isso importaria no abandono completo dos meus negócios, além de que iríamos viver, as duas, numa luta constante pela preferência de Paulo Antonio. Não ser...

Rosabela - (corta, triunfante) Ah!... você chegou, afinal, onde eu queria. Confesso, indiretamente, o verdadeiro motivo de querer arrancar Paulo Antonio da minha companhia. O ciúme! Pois então saiba que ele me pertence e que eu não consentirei que ninguém, ouviu bem? Ninguém o arranque ~~de~~ ~~minha~~ ~~companhia~~ de perto de mim. (Pausa e tom) Por que esse seu sorriso de incredulidade? Não cre que eu tenha direitos sobre o seu filho?

Açucena - Direitos sobre o meu filho?! •

Rosabela - Direitos, sim, Um momento que eu já lhe provarei o que digo.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM POUCO. ABRIR E FECHAR GAVETA. PASSOS SE APROX.

Açucena - Palavra de honra que tenho curiosidade de ver essa prova.

Rosabela - Aqui está. Leia esta carta. Foi ele mesmo quem m'a trouxe, ha quinze anos passados, quando veio para a minha companhia.

CONTRA REGRA - RUIDO DE DESDOBRAR CARTA.

Açucena - (Lendo) Presada dona Rosabela. De conformidade com o que ficou estabelecido por correspondencia anterior, mando-lhe o meu filho. É seu. Crie-o e edúque-o aos seus moldes. O medico não me permite levá-lo...

Rosabela - (cortando) Bem, o resto não interessa, o principal você já ficou conhecendo. (repetindo a leitura) "Mando-lhe o meu filho. É seu." Ouviu bem? E foi você mesma quem me mandou dizer isto, numa carta escrita e assinada por próprio punho. É um documento que nos dará direito a reclamá-lo até mesmo diante de um Tribunal. E saiba que estou disposta a fazer isso, se fôr preciso.

Açucena - Pois bem, se assim é, saiba então que eu não lhe devolverei esta carta.

Rosabela - Não acredito que você chegue a tanta baixeza.

Açucena - Já lhe disse que não a devolverei.

Rosabela - Você a devolverá, sim. Por bem ou por mal.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. GAVETA QUE ABRE E FECHA? AFASTADA. PASSOS VOLT

Rosabela - Está vendo este revólver? Devolva-me essa carta ou...

Açucena - (forte e resoluta) Eu não a devolverei.

Rosabela - Açucena, reflita. Por ser eu uma velha, não creia que me faltem forças para dar-lhe um tiro. Tenho força e coragem. (Pausa) Não me obrigue a fazer uma coisa que eu não desejo. (bem forte, quasi gritando) Devolva-me essa carta, vamos!

Açucena - Já lhe disse que não devolvo.

Rosabela - Açucena não me evaspere. Eu atiro.

Açucena - Atire, se quiser. Eu já lhe disse que...

Paulo - (afastado, assustado e afobado) Mãe!... Vóvó!... Que é isso? Que es tá se passando entre vocês?

Rosabela - Sua mãe se recusa a me entregar o documento que tem na mão e como ele me pertence eu estou disposta a readquiri-lo a qualquer custo.

Paulo - Mãe... por favor... ponhamos fim a essa situação constrangedora e rí dícula. Que documento é esse que você tem em sua mão? E si ele pertence mesmo à vóvó, por que se nega a restitui-lo?

Açucena - Porque ela pretende utilizá-lo contra mim, meu filho.

Rosabela - (trêmula e agitada) Paulo Antonio, faça com que sua mãe me entregue es sa carta que tem em mão ou eu não poderei mais controlar os meus nervos e farei fatalmente uma loucura.

Paulo - Mãe, por favor, seja prudente. Veja que vóvó está completamente alte rada... está fora de si... Devolva-lhe essa carta, por favor.

Açucena - Eu já disse que não, meu filho.

Rosabel - (autoridade e decisão) Paulo Antonio, saia da frente de sua mãe.

Paulo - (muito agitado) Não, Vóvó, por favor... Eu lhe peço que não...

CONTRA REGRA - RUIDO DE LUTA, PERFEITAMENTE IGUAL À PRIMEIRA PARTE. UM TIRO. UM GRI- TO AGUDO DE MULHER E UM GEMIDO DE OUTRA COM BAQUE AO CHÃO E QUEBRAR DE OBJETOS QUE SÃO ARRASTADOS DA MESA.

CONTROLE / - SEPARAÇÃO FORTE, TRÁGICA E GRANDIOSA AO MESMO TEMPO.

Solano - Paulo Antonio conseguiu desarmar dona Rosabela e logo a seguir, virando o revólver contra ela, fez um disparo justamente à altura do seu peito. Depois, largou a arma sobre o tapete, abraçou-se com sua mãe que, chorando copiosamente, lhe disse assim: "Meu filho, meu filho! Que fizeste?"

Eu, escondido atrás do reposteiro, parecia que tinha os pés pregados ao solo. Só depois de passados os primeiros momentos de surpresa e de terror, foi que consegui ~~sair~~ sair do meu esconderijo, mas, logo ao transpor a porta da biblioteca, tive os meus passos embargados por ele que ~~me~~ ordenou que ^{eu} me recolhesse ao meu quarto e só saísse de lá quando fosse chamado. Então que fiz? Ao passar pelo telefone do corredor, tratei logo de avisar a polícia.

Delegado - Muito bem. Sente-se. (Pausa) Tem a senhora alguma coisa a contestar das declarações do senhor Solano da Silva Conceição?

Açucena - Sim. Até o momento em que meu filho entrou no gabinete e procurou desarmar a sua Avó, a narração foi exata. Mas depois desse ponto ela foi completamente deturpada. Meu filho não apontou a arma para a minha sogra e não é possível que esse homem, do seu esconderijo, pudesse ter visto ele se apossar da arma, porquanto eu, que me encontrava apenas a dois passos dele e de minha sogra, sem desprender um instante os olhos do revolver, nunca pude ver se meu filho chegou ou não a botar a mão ~~na~~ na arma. E foi no meio da luta, na confusão daquelas quatro mãos aflitas a disputar a posse do mesmo objeto, que o revolver disparou, caindo no mesmo momento sobre o tapete.

Delegado - E com que intenção teria a senhora pronunciado a seguinte frase: Meu filho, meu filho, que fizeste?

Açucena - Isso também não é verdade. Eu não disse semelhante coisa.

Ana - Disse, sim senhora. Eu ouvi perfeitamente quando a senhora disse.

Delegado - Duas pessoas afirmam que a senhora disse.

Açucena - Mentem as duas. Ou melhor, deturparam também a minha frase para que ela pudesse ser transformada em arma contra mim. O que eu me lembro muito bem de ter dito foi isto: Meu filho, meu filho, que desgraça! Juro como foi isto que eu disse e invoco o testemunho de Deus pedindo que me castigue se estou mentindo.

Ana - Deus não deixará impune o crime que a senhora e seu filho cometeram. Ambos não de ser terrivelmente castigados.

Açucena - Mais do que já fomos é impossível, Ana.

Paulo - Bem sabes, Ana, o quanto eu e mamãe estimávamos a tua patrão, apesar das divergências existentes entre nós. Sua morte para nós é uma tortura tão grande que excede aos cálculos de qualquer um e toca as raias do nosso desespero.

Ana - Eu creio nessa tortura, mas nascida do remorso, unicamente.

Solano - E o remorso é a pior coisa para fazer sangrar o coração da gente.

Açucena - Pois não queiram, mais tarde, sentir essa mesma tortura, acusando-nos injustamente.

Ana - Não temos receio. Ainda que a justiça de um Tribunal possa absolvê-los, a justiça da minha consciencia há de sempre acusá-los. Para sempre. Para toda a vida!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ESTÚDIO - VOZARIO EM FUNDO, POR ALGUNS MOMENTOS. CAMPAINHA. SILENCIO AOS FOUCOS.

Juiz - Os senhores do Conselho de Sentença, depois de ouvirem atentamente a acusação e a defesa do réo Paulo Antonio Simão de Sampaio, considerando as declarações das testemunhas e tudo o mais que do processo consta, resolveu condenar o mesmo réo Paulo Antonio Simão de Sampaio a vinte e cinco anos de prisão!

Açucena - (num grito, desesperada) Meu filho! Meu filho! Não!... Não pode ser!...

ESTÚDIO - VOZARIO FORTE. CAMPAINHA VÁRIAS VEZES PEDINDO SILENCIO. (SILENCIO)

Paulo - Senhores jurados: nada poderei fazer contra a condenação que os senhores me impuzeram e por isso... aceito-a resignado. Eu ^{lhes} ~~vão~~ perdôo porque sei que os senhores estão convictos de fazer justiça, mas afianço-lhes, pela última vez, que estou inocente. (forte) Eu não matei minha Avó. Eu não teria coragem e nem motivos para fazê-lo. Apesar da diferença dos nossos temperamentos e das divergencias dos nossos pontos de vista, eu a queria muitissimo, como mãe de meu pai. E ela tambem. Tanto e tanto me queria que para impedir que me tirassem do seu lado, chegou mesmo à violencia que desgraçadamente lhe custou a vida. Bem sei da inutilidade das minhas palavras diante da sentença proferida. Se os senhores me condenaram é porque me julgaram culpado e se me julgaram culpado é porque não acreditaram nas minhas declarações. Elas foram, no entanto, a expressão fiel da verdade e tomo a Deus - o supremo Juiz - por testemunha da minha innocencia. (Alterando-se) Eu não matei minha Avó. (mais forte) Eu não matei minha Avó!

C/REGRA - CAMPAINHA PEDINDO SILENCIO.

Juiz - Senhor Chefe da Guarda: faça retirar o réo.

Solano - (afastado, gritando desesperadamente e aproximando-se) Um momento, senho-
Juiz. Por favor, um momento. Eu não posso mais! Eu preciso falar. Eu preciso dizer toda a verdade!...

ESTÚDIO - GRANDE AGITAÇÃO DE VOZES

CONTROLE - ENTRA EM CIMA COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

CONTROLE - ENTRA COM MUSICA DE ABERTURA PARA O TERCEIRO ATO.

Solano - (perto, arfante) Senhor Juiz... eu preciso dizer toda a verdade... ou então... o remorso me matará...

Rosabela - (voz projetada, imperiosa) Tú tens que falar. Tú precisas falar. Eu quero que tú fales. E te ordene que não ocultes nada!... Vamos, Solano, fala...

Solano - Ouvem? Ouvem? É ela. É a voz dela. É dona Rosabela que me ordena que eu fale. Ela quer que eu diga tudo... que eu conte tudo... E eu não posso me calar, eu não posso me calar. (Gritando) Senhor Juiz! Senhores jurados! Foram falsas as minhas declarações! Eu menti, senhores. Menti propositadamente para condenar o senhor Paulo Antonio. Ele está inocente! *Ele está inocente!...*

ESTÚDIO - VOZARIO BRUTE. EXCLAMAÇÕES. CAMPAINHA PEDINDO SILENCIO.

Juiz - Continue as suas declarações.

Solano - Eu menti, senhor juiz. Ou melhor, mentimos todos os que prestamos declarações acusando esse rapaz.

Juiz - E mentiu por que? Que motivos tinha o senhor contra ele?

Solano - Bem... os motivos eu... eu penso que...

Rosabela - (projetada) Vamos, fala... eu já te disse que tu tens que contar tudo. Eu te ordeno que contes toda a verdade.

Solano - Sim, sim... eu vou contar... eu vou contar tudo... (Pausa e tom) Eu amava Ana Cavalheiro. Amava-a com loucura, ~~sem desvario~~, até. Ela nunca deu grande atenção ao meu amor. Por fim, chegou mesmo a me recusar muitas vezes. Mas quanto mais ela se mostrava indiferente à paixão que me inspirava, maior era o meu desejo de possuí-la. Muitas e muitas noites, eu as passei inteirinhas em claro por causa dela. E quando não me restava nem o recurso do sono, levantava-me e ia espiar na fechadura do seu quarto, ficando a observar, ~~por~~ horas a fio, os seus menores movimentos. E foi assim, que certa noite, pude ver quando ela saia de seu quarto, pé ante pé, e ^{se} dirigia para o gabinete, onde o senhor Paulo Antonio ^{costumava ficar} ~~se distraia~~ até muito tarde, ^{distraído} com a leitura dos jornais do dia. Levava ela, na mão, uma bandeija com um copo de leite e penso que uns biscoitos. ^(calista) Ao chegar à porta do gabinete...

CONTROLE - MUSICA RETROSPECTIVA

ESTUDIO - BATIDAS LEVES NA PORTA.

Paulo - Entre.

ESTUDIO - ABRE PORTA. FECHA PORTA. PASSOS SE APROXIMAM.

Ana - Trouxe-lhe um copo de leite, senhor Paulo. O senhor fica acordado até tão tarde e deita-se sem se alimentar...

Paulo - Obrigado, Ana.

Ana - Trouxe também uns biscoitos.

Paulo - Está bem. Pode deixar aí em cima.

Ana - ~~Sankar~~ (depois de pausa) Senhor Paulo Antonio, eu... eu não o aborreço com a minha presença?

Paulo - Óra esta, Ana! Por que?

Ana - Porque... porque eu gostaria de ficar aqui perto do senhor. Estimo-o tanto e... e são tão poucas as horas em que o senhor está em casa...

Paulo - Se você quer ficar aí pode ficar. Penso, apenas que será muito aborrecido para você.

Ana - Não faz mal. Será sempre mais agradável do que estar sosinha no meu quarto, sem poder dormir, escrava de pensamentos torturantes.

Paulo - A música não me atrapalha. Ponha um disco na vitrola que estará mais distraída.

Ana - Que bom! Nem sei se terei forças, depois, para voltar à tristeza do meu quarto.

Paulo - Esse que está aí é bonito, pelo menos para o meu gosto. Em todo o caso, se não lhe agrada pode trocar por outro. Discos não faltam.

Ana - Vai me agradar, sim. Perto do senhor tudo será agradável para mim.

CONTROLE - OUVI-SE O BOLERO PECADORA, INDIA ou QUALQUER OUTRO DESSA MARCA. PODE SER "PERDIDA" também. COMEÇA FORTE E DEPOIS CAI PARA B/G.

Ana - (ao ~~começar~~ começar a música em B/G.) Que maravilha esse bolero! Ele é lindo, lindo!...

Paulo - Mas agora que eu estou reparando: são quase duas e meia da manhã! Não imaginei que fôsse tão tarde. Por que não vai repousar, Ana? Você é a primeira que se levanta de manhã...

Ana - (em extase) Ouvindo música tão linda e a seu lado... eu ficaria toda uma noite acordada sem sentir o menor sinal de cansaço.

Paulo - (tom) Ana, eu estou extranhando completamente a sua atitude hoje. Que ha com você?

Ana - Será mesmo possível que ainda não tenha percebido?

Paulo - Francamente, eu... eu estou sem saber o que pensar de tudo isto...

Ana - (num arroubo) Amo-o, Paulo Antonio! Amo-o loucamente! Tenho procurado sufocar em meu peito esse amor tão louco mas tem sido um esforço vão.

Paulo - Ana... você está doente. Talvez isso tudo não passe de cansaço... de fraqueza... Você trabalha há tantos anos sem férias... Deveria fazer uma estação de repouso. Se quiser que eu fale com a vóvó a esse respeito...

Ana - (corta) Afastar-me de você agora que lhe revelei o meu amor? Nunca! Nunca! Seria condenar-me ao pior dos castigos. Não, Paulo Antonio, não. Deixe-me ficar ao seu lado.

Paulo - Mas Ana, você não compreende que isso é uma loucura? Você está doente, repito. E precisa se tratar o quanto antes. Eu mesmo vou falar com vóvó.

Ana - (corta) Eu estou compreendendo. Teima em afastar-me porque não me ama. Sou mais velha que você... pobre como um rato de igreja... Os seus gastos e as suas extravagâncias precisam garantias de futuro. Si eu fôsse rica..

Paulo - (queimado mas contendo-se) Ana, eu lhe peço a ofensa porque vejo que você está cansada e nervosa. Mas agora saia, por favor. Saia e esqueçamos este incidente.

CONTROLE - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Solano - Do mesmo local onde presenciei a tragédia que culminou com a morte de dona Rosabela, presenciei também a cena que acabei de lhes contar. Ana se retirou do gabinete, vermelha como um lacre, chamas de ódio cintilando nos seus olhos pardos. E desde aí, não mais perdoou o senhor Paulo Antonio. Procurava sempre um meio de vingar-se dele. E na noite da morte de dona Rosabela, eu vi, logo após o disparo do revólver, um braço de mulher que se estendia por baixo do reposteiro-da-porta, em frente à que eu estava escondido, procurando alcançar a arma que se encontrava caída sobre o tapete. Pela pulseira de corral que se destacava perfeitamente na meia luz do ambiente, eu pude ter certeza de que aquele braço era da governante Ana Cavaleiro. Antes que ela tivesse tido tempo de voltar ao seu quarto, já eu me achava lá escondido também.

CONTROLE - MUSICA RETROSPECTIVA.

Ana - Eu preciso esconder esse revólver. Vou botá-lo aqui na minha mala, entre as roupas e fechado a chave. Ninguém o encontrará. Amanhã, durante o dia, procurarei um jeito de enterrá-lo no jardim.

Solano - (um pouco afastado) Pare.

Ana - (movimento de susto) Solano! Que faz dentro do meu quarto? Não vê que a sua presença aqui me compromete?

Solano - Comprometida está você, desde que procurou retirar esse revólver do local da tragédia.

Ana - Você está louco. Eu não retirei coisa nenhuma.

Solano - Não tente negar, Ana. Eu vi tudo. A sua pulseira de coral permitiu que eu identificasse o seu braço, mesmo na penumbra do ambiente. Vamos, confesse tudo. Com que fim você procurou se apossar dessa arma? Sei que você tem um plano mas ainda não consegui alcançá-lo.

Ana - Solano, você quer se retirar do meu quarto imediatamente?

Solano - Está bem. Se essa é a sua vontade, eu me retiro, mas vou contar, imediatamente, tudo o que ~~me~~ vi.

Ana - Não, não, Solano, fique. Eu lhe direi o meu plano.

Solano - Pois então fale depressa que eu preciso ir ao gabinete.

Ana - Escondi o revólver com a intenção de defender o seu Paulo Antonio.

Solano - Mas ele não tem culpa do que aconteceu. O revólver disparou.

Ana - Eu sei, mas você compreende... Não faltaria quem pensasse o contrário.

Solano - E por que razão você mostra interesse em defender o senhor Paulo Antonio?

Ana - Porque o estimo, óra essa! Há tanto anos que vivemos sob o mesmo teto...

Solano - Não é por isso, não. Você o ama.

Ana - (irritada) Solano, você está completamente idiota. Vá embora duma vez, ande.

Solano - Idiota, não é? Idiota é o que eu não sou. Você o ama, sim. O momento não é próprio para estarmos discutindo este assunto, mas eu voltarei a falar nele oportunamente.

Ana - Está bem, Solano, está bem. Mas por favor deixe-me só, sim? Saia, saia...

CONTROLE - RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL.

Solano - Eu me retirei do quarto de Ana (Cavalheiro) completamente convencido de que ela desejava realmente inocentar o senhor Paulo Antonio. O ciúme aturdiu-me, e por um momento eu pensei em culpar o rapaz para que ela sofresse.

"Seu Paulo Antonio não me deixou entrar no Gabinete, mas da porta, pude ver, perfeitamente, sobre o tapete, um outro revólver no lugar daquele que Ana havia recolhido às escondidas. Fiquei intrigado com a questão e voltei ao quarto de Ana.

CONTROLE - MUSICA DE REMINISCENCIA.

Ana - (contrariada) Outra vez?! Que quer você ainda, Solano?

Solano - Venho do Gabinete. Lá está, ~~sobre o tapete~~, um outro revolver. Que signi-
fica isso?

Ana - Óra, Solano, desista dessa mania de Scherlock. Você vai acabar atrapalhan-
do todos os meus planos.

Solano - Claro. Porque eu vou contar tudo que vi, a menos que...

Ana - (depois de pausa) Fale. Complete o seu pensamento.

Solano - A menos que você se resolva ^{a me} ~~fazer~~ algumas concessões.

Ana - E que espécie de concessões exige você?

Solano - Não se faça de ingênua. Numa mulher da sua idade, isso fica ridículo. Vo-
cê bem sabe que a ~~me~~ amo com loucura e que a desejo com sofreguidão, e sa-
be, também, por experiência própria, ao que um amor assim será capaz de
nos arrastar. Estou disposto a conceder-lhe tudo, em troca de algo com que
sonho e anseio há muito tempo. O seu amor.

Ana - (calculista) O meu amor? (Pausa para pensar) Está bem. Eu lhe concederei
o meu amor se você me auxiliar eficazmente na completa realização do meu
plano.

Solano - Prometo, Ana, prometo. E você nem sabe como me fará feliz.

Ana - Deixemos de pieguices, agora, o que é preciso é combinar bem o que deve-
mos dizer para que não haja divergência nas nossas declarações.

Solano - Antes responda uma coisa que eu desejo saber: Por que trocou os revolve-
res, Ana?

Ana - Porque aquele que eu retirei do gabinete e escondi, não tem nenhuma das
suas capsulas detonada.

Solano - Como?!... Mas então o revolver não disparou? (Pausa) Então foi você...

Ana - (imperativa) Cala-te, imprudente. Olha que as paredes teem ouvidos. Fui
eu, sim, mas a minha intenção não era matar dona Rosabela. Era a ele que
eu desejava matar porque o odeio desde uma noite em que...

Solano - (corta) Eu sei de tudo, não precisa me contar nada a esse respeito.

Ana - Sempre espiando e escutando! (Tom) Pois bem, o meu ódio por ele fez com
que eu desejasse desgraçá-lo e troquei os revólveres somente para o com-
prometer. Agora, vamos então combinar direitinho as declarações que de-
veremos fazer. (Afastando) Primeiro que tudo vá ao telefone e avise a
polícia. Umavez feito isso...

CONTROLE - FRASE MUSICAL QUE PERMANECE EM FUNDO POR ALGUM TEMPO

Solano - Fui ao telefone, avisei a polícia e fiz, depois, as declarações que to-
dos sabem. Declarações tendenciosas, de molde a comprometerem o senhor

Paulo Antonio, quando eu tinha a certeza absoluta de que ele estava inocente. ^{A arma} ~~O revólver~~ que ele procurou arrebatá-la da mão de sua avó, nem sequer disparou. Foi trocada pela governante (Ana Cavalheiro) para que aparecesse a ~~uma~~ capsula detonada e ele pudesse ser pronunciado. E eu, por amor, por esse louco e desvairado amor que ela fez despertar em mim, não vacilei em ser arrastado na trama de cumplicidade que deveria influir na condenação deste rapaz. Mas há muitos dias que eu vinha sentindo uma angústia enorme e ouvindo, nitidamente, a voz de dona Rosabela a martelar os meus ouvidos com as mesmas palavras ^{de} sempre.

Rosabela - (projetado) Você precisa contar tudo. Você precisa dizer toda a verdade.

Eu quero que você faça isso, ouviu bem? Eu quero, não se esqueça!

Solano ~~mas~~ - E a verdade, senhores, é ^{esta} ~~isto~~ que acabei de revelar. — 9 —

ESTÚDIO - Vozerio alto, agitado. CAMPAINHA VÁRIAS VEZES PEDINDO SILENCIO

Juiz - (depois que se faz silencio) Diante das declarações ora feitas pelo senhor Solano Severino da Conceição, que tem a senhora a dizer em sua defesa, dona Ana Cavalheiro?

Ana - Simplesmente isto: esse homem está louco. Basta essa historia de ouvir vozes e sentir que alguém o empurrava para a verdade para se poder ter a certeza de que ele não está no seu juízo perfeito. Poderão ser dignas de crédito as declarações de um homem que vê fantasmas à luz do dia? Claro que não.

Solano - É fácil verificar se não estou falando a verdade. Sei onde Ana Cavalheiro escondeu ^{a arma} ~~o revólver~~ que retirou do local da tragédia.

Ana - (gritando) (violenta) Ele mente, senhor juiz. Ele mente! Esse homem é louco!

Solano - Mandê proceder uma busca numa mala de couro marrom que existe no quarto de lá e há de encontrar, entre as roupas, a arma de que falei.

Ana - (gritando) É mentira! (alucinada) É mentira! Esse homem é louco. Levem-no para um hospício.

ESTÚDIO - VOZERIO, CAMPAINHA PEDINDO SILENCIO VÁRIAS VEZES. POR FIM SE FAZ SILENCIO.

Juiz - (depois de silencio completo) Em face dos inesperados acontecimentos que acabamos de presenciar, fica suspensa a sessão.

CONTROLE - SEPARAÇÃO MUSICAL

Juiz - (ALTO, PARA 2º PLANO) ^{Anulada} ~~Revogada~~ que foi a sentença anterior deste Tribunal, pelas declarações do empregado Solano da Silva Conceição e constatada a veracidade das suas acusações contra a governante Ana Cavalheiro, deliberaram os membros deste jury absolver o réu Paulo Antonio Simão de Sampaio...

ESTÚDIO - PALMAS VIBRANTES E VOZES VÁRIAS DE SATISFAÇÃO PELO FATO. CAMPAINHA.

Júiz - (proseguindo) ... condenando a ré Ana Cavalheiro a vinte anos de prisão no reformatório de mulheres criminosas.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL DE SEPARAÇÃO.

Açucena - Meu filho querido! Que medo eu tive! E que peso ficaria sobre o meu coração se tu não tivesses sido absolvido. Que desespero eu tinha dentro d'alma só em pensar que me abalára de tão longe para reaver-te e que me encontrava na iminência de perder-te para sempre!

Paulo - Tudo passou felizmente, mãe. Graças a Deus que tudo passou. Façamos agora todo o empenho de afastar de nós essa lembrança terrível.

Açucena - Não sei se será possível, meu filho. Enfim... tentaremos. Está ainda comigo a nítida impressão de ter sido a culpada da morte de sua Avó.

Paulo - Não, mãe, nós não tivemos nenhuma culpa. E a prova maior da nossa inocência está em que a justiça divina correu ao nosso encontro para que não fôssemos condenados. Arrancou-me das grades do cárcere, depois do Tribunal ter me condenado. E Ana Cavalheiro, com aquele tiro, resolveu - ainda que de forma trágica e violenta - o dilema terrível que se preparava para o meu coração: deixar-te partir sósinha ou partir contigo e relegar ao abandono aquela pobre velha que apesar das suas impertinências e exquisites, soube querer-me com sinceridade.

Açucena - Eu só peço a Deus, meu filho, que as lágrimas todas que chorei pela morte de sua avó, redimam qualquer parcela de culpa que me possa ter cabido nesta horrível tragédia. (Pausa e tom). Que está pensando meu filho?

Paulo - (depois de pausa) Interessante, mãe, como a vida nos oferece, às vezes, nos seus aspectos vários, os mais profundos e estranhos ensinamentos. Este caso, por exemplo: eu fazia parte dos homens que desconheciam a significação da palavra "perdoar". Achava que os culpados deviam ser sempre punidos. Sempre. Agora, diante da lição que acabo de receber, modifiquei totalmente a minha forma de pensar. E afianço-lhe, mãe, que se amanhã fizer parte de um jury, na qualidade de jurado, preferirei praticar a injustiça de absolver o réo, mesmo que as provas sejam todas contra ele, do que arriscar-me a condená-lo inocentemente como quasi fui condenado.

Açucena - É preferível, sim, meu filho. Porque mesmo que ele seja culpado, o fato de conseguir fugir à justiça dos homens não quer dizer que ele tenha deixado de ser castigado. Há a justiça de Deus, da qual ninguém foge.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA, FUNDE COM APITOS DE VAPOR E RUÍDO DE MAR.

- Paulo - Que lindo sol!... Que tarde esplendida!... Creio que vamos ter um verdadeiro mar de rosas!...
- Açucena - Deus permita. São cinco dias de viagem e eu tenho um medo horrível do mar em fúria.
- Paulo - Não ha perigo. O tempo está firme. O céu está completamente azul e sem núvens. O ar, no seu leve perfume de marista, como que nos convida a respirá-lo profundamente para revigorar os nossos pulmões.
- Açucena - O navio vai se afastando rapidamente.
- Paulo - Já está ~~desaparecendo~~ ^{fugindo} ao alcance dos nossos olhos a terra onde ha pouco ainda pisavamos. Outros cenários começarão a se desenhar diante das nossas pupilas que hão de fazer apagar a lembrança dos que estamos deixando para traz.
- Açucena - Que assim seja, meu filho! Que Deus, na sua infinita misericordia, faça baixar sobre as nossas almas a pesada cortina do esquecimento!...
- CONTROLE - APITOS QUE VÃO SE APAGANDO, UM ATRAZ DO OUTRO, DANDO A IMPRESSÃO DE QUE O NAVIO CADA VEZ SE AFASTA MAIS E CORTINA MUSICAL GRANDIOSA PARA FINAL DO TERCEIRO ATO.

• FIM.

DISTRIBUIÇÃO:

| | |
|--|--|
| Senhora Rosabela Alforraz de Sampaio..... | Senhora Rosabela Alforraz de Sampaio <i>Nina Rosa</i> |
| Paulo Antonio Simão de Sampaio..... | Jorge Muccillo |
| Açucena Fernandes..... | Lília Maria |
| Ana Cavalheiro..... | Linda Gay |
| Solano da Silviana Conceição..... | Roberto Lis |
| O Delegado..... | Cesar Ney |
| O Juiz..... | Mario de Lima Horne <i>Mario de Lima Horne</i> |
| Paulo Antonio aos oito anos de idade..... | Sergio Reis. |